PARA QUÊ A SAÚDE COLETIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA?: REFLEXÕES DE
PROFISSIONAL NA ÁREA HÁ VINTE ANOS¹

WHAT PUBLIC HEALTH IN PHYSICAL EDUCATION FOR? REFLECTIONS OF A PROFESSIONAL
INVOLVED IN THE AREA FOR TWENTY YEARS

Aguinaldo Gonçalves*

RESUMO

A partir da observação global da evolução recente da identidade e características da área da Educação Física em nosso meio, faz-se aqui uma reflexão sobre o sentido da manutenção da saúde coletiva em seu interior. A questão que se coloca é, portanto, quais as finalidades concretas da atuação profissional de sanitaristas em Educação Física. Exploram-se algumas possíveis respostas, recorrendo-se, como elementos de aplicação, a projetos de doutorado desenvolvidos por componentes do Grupo de Saúde Coletiva/Epidemiologia e Atividade Física da Unicamp. Identifica-se a primeira contribuição na disponibilização dos paradigmas epidemiológicos da produção do conhecimento, o que implica no uso dos recursos e técnicas do agir e do pensar epidemiológico. Reconhecem-se também os benefícios e limitações da atividade física para a saúde, além do manejo das especificidades da educação sanitária, destacando-se, ao final, a concepção da Saúde enquanto bem público.

Palavras-chave: saúde pública. Atividade física. Epidemiologia.

ASPECTOS GERAIS

Embora se possa dizer que a ocorrência de fatos é que exatamente leva à geração de argumentos, aceita-se amplamente que contra fatos não há argumentos! Ora, tendo em conta esta concepção, observo, nos dias atuais, a *evolução da Educação Física (E.F.) em nosso meio* a apontar o desenvolvimento e articulação de identidade que se torna distinta, ao todo, da que se expressava quando cheguei a ela, há aproximadamente pouco mais de vinte anos.

A primeira ordem de evidências diz respeito a *indicadores operacionais facilmente apreensíveis e observáveis*. Em tal época, raros eram os livros-textos de autores nacionais, bem como inexistia sociedade e revista científica na área. Em 2003 apresentei contribuição ao XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte; a

Revista Brasileira de Ciências do Esporte lançou seu primeiro fascículo do 19º volume; e os anais de evento anterior, compostos de textos completos dos painéis e comunicações orais dos grupos temáticos, foram enfeixados em três volumes de mais de 1700 páginas. Também se percebe o crescente espaço que vêm ocupando as obras de pesquisadores e profissionais da área nas coleções de editoras especializadas na questão educacional e em atividade física, além do aumento considerável do número de dissertações e teses defendidas nos programas de pós-graduação em Educação Física e áreas correlatas, em que o tema do movimento humano é tratado a partir dos mais diferentes enfoques teóricos, epistemológicos e metodológicos (SOUZA; SILVA, 1997).

A evolução mais tocante, no entanto, pode ser detectada no processo de *conformação dos*

¹ Texto revisto crítica e colaborativamente pelo Prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires, docente do Departamento de Educação Física da UFSC e aluno de doutorado no Programa de Pós-Graduação da FEF/Unicamp (Ciências do Esporte)

* Professor Titular, Coordenador da Área de Saúde Coletiva e Atividade Física do Depto. de Ciências do Esporte da Faculdade de Educação Física da Unicamp

respectivos segmentos técnicos: praticamente vimos surgir a Biomecânica, com todo o seu apelo de modernidade, no final dos anos 1970; epistemólogos trouxeram para a E.F. conceitos hoje correntes como corporeidade e motricidade; o lazer se fez doutrina amplamente aceita em seus chamados interesses físicos, substituindo antigos recursos e receitas de recreação; treinos e treineiros cederam lugar ao esporte enquanto ciência, com aplicação de equipamentos e tecnologias; esportes adaptados e paraolimpíadas tornaram-se realidades; o professor de E.F. da escola secundária hoje é profissional respeitado pelos conceitos e práticas que aplica em crescimento e orientação motores, além das posturas que mantém, relativas a normas pedagógicas e à legislação escolar.

Nesse conjunto, determinada dimensão parece ter se distinguido pouco, ao permanecer tão extensa e invadida como antes: *a referente à saúde!* É bem verdade que teve amplamente estudados alguns aspectos em seu interior, como os matizes higienista e fisiológico, por exemplo. Todavia, o que se observa é que, para os profissionais que orientam suas investigações e intervenções por tais perspectivas, permanece intocado o paradigma mecanicista, que trata fragmentadamente os conhecimentos gerados na área da saúde relacionada à atividade física. Até programas setoriais de políticas públicas surgiram em órgãos de saúde relacionados à atividade física (A. F.), uns piores, outros nem tanto!

ASPECTOS ESPECÍFICOS

Então torna-se inevitável a pergunta: *“Para quê?”* Em outros termos, em quê, pragmaticamente, sanitaristas podem contribuir destinando-se ou permanecendo no trabalho e na comunidade acadêmica da E.F.? Vivendo profissionalmente esta realidade em tempo integral, arrisco-me a apontar algumas possíveis respostas, numa provocação à discussão a respeito, recorrendo a situações de pesquisa defrontadas por alguns de meus orientandos de doutorado, como elementos de aplicação.

Inicialmente, quero disponibilizar os *paradigmas epidemiológicos de apreensão do real e da produção do conhecimento* com vistas à geração e consumo mais racionais de

informação em E.F. Nesse sentido, algumas obviedades sanitárias nem sempre são muito conhecidas em E.F., por incrível que pareça. A mais explícita talvez seja lembrar que, como o todo não resulta da soma das partes, mas sim, de determinantes externos que o transcendem, não é válida a pura transposição de achados laboratoriais para relações sociais, históricas e econômicas complexas. Aí estaria a explicação, por exemplo, de por que, mesmo se conhecendo as minudências do funcionamento da fibra muscular em condições experimentais controladas, não se consegue obter a aderência sistemática de pessoas e grupos a programas de A. F. ! (MILANEZI et al., 1997).

Destaca-se, neste estudo, o papel atribuído ao poder público - que nem sempre o tem assumido - no sentido de implementar *ações políticas* que garantam condições de infraestrutura para fazer frente ao conjunto de fatores que influenciam negativamente na participação das populações nos referidos programas, como: i) crescimento acelerado e desordenado da ocupação do espaço urbano, que limita a existência e o acesso a áreas destinadas a práticas de lazer; ii) inadequações de diversas ordens quanto às atividades oferecidas em relação a expectativas dos usuários; iii) entendimento restrito do significado das atividades de tempo livre, orientadas unicamente para os chamados interesses físico-esportivos do lazer.

Posto em outros termos, isto equivale a dizer que não se trata de apenas conhecer e usufruir os *recursos e técnicas do agir e do pensar epidemiológico*, mas o processo passa por essa instância. Assim é que o profissional do movimento e do exercício pode se beneficiar fortemente dos procedimentos de distribuição de frequência de valores de variáveis dependentes, independentes e de controle, bem como trabalhar com a clareza das apresentações tabulares e gráficas. Exemplo que me ocorre a respeito no momento foi observado em projeto destinado a investigar a relação entre graus de atividade física e gravidade da instalação da hanseníase: encontrada associação importante entre ambas, no sentido de que sedentários desenvolviam bem mais neurites que o grupo dos demais doentes, uma objeção que prontamente surgiu cogitou que essa diferença

podia decorrer da participação assimétrica das formas clínicas do agravo nos grupos constituídos. A mera aplicação da técnica de regressão logística afastou esse tipo de preocupação (MONTEIRO et al., 1995).

Em outros termos, medir desempenho é fundamental em A. F., mas só fazer isso pode até ser enganoso: eis aí algo em que a saúde coletiva vem ajudando aqueles que se encontram diretamente envolvidos com instrumentos, testes e protocolos! (ARAÚJO JR., 1997). Naquela ocasião, a implementação de *rede de investigação em ensino, na área de Saúde e Urgência em Educação Física e Esportes* em faculdades do interior paulista, permitiu a conjugação de esforços no planejamento e aplicação de procedimentos didático-metodológicos que, a partir dos dados primários gerados em baterias de testes padronizados, oportunizaram a produção de conhecimentos consolidados na própria prática de ensino, além da maximização dos recursos materiais e humanos disponíveis.

Constata-se, assim, que a apropriação da metodologia epidemiológica pode ajudar, pela via da construção da criticidade, a prevenir a ocorrência em E.F. de inocentes úteis ou de úteis não tão inocentes assim! De fato, essa formação da massa crítica não só leva ao conhecimento dos *benefícios da A. F. à Saúde*, mas também desafia para a expressão dos riscos e restrições. Se, por um lado, existe extenso elenco de situações de agravos humanos, como prevenção de coronariopatias, controle da obesidade, aumento da sociabilidade e longevidade (MATIELLO JR.; GONÇALVES, 1992), sobre as quais se contam com relatos científicos da contribuição da A. F., as lesões desportivas (L. D.) constituem atualmente um conjunto abrangente e grave de agressões efetivadas nas mais diferentes modalidades e com repercussões orgânicas absolutamente não negligenciáveis (GHIROTTI et al., 1989). Em que pese à complexidade da tarefa de conceituação das LDs, é possível caracterizá-las como agravo à saúde pública a partir dos conhecidos critérios de magnitude, transcendência e vulnerabilidade. Este último aspecto, que corresponde às possibilidades de conter a evolução dos agravos através de medidas adequadas, parece representar espaço

próprio para atuação preventiva do profissional de Educação Física com preparação específica na área de saúde coletiva.

Não poucas instituições da E.F., tanto em âmbito nacional quanto internacional, ao construírem-lhe a identidade, incluem entre suas atribuições a *Educação Sanitária*. Com efeito, o Conselho Internacional para a Saúde, Educação Física, Recreação, Esporte e Dança pública habitualmente questões que identifica como "Health Education International", bem como a Universidade Estadual Paulista mantém em seus diversos cursos de E.F. a disciplina Noções de Educação em Saúde e Urgência em Educação Física, de que já tivemos oportunidades de participar, para citar apenas alguns exemplos da afirmação acima. Ora, os equívocos da Educação Sanitária já são de amplo domínio dos sanitaristas brasileiros, desde os tempos imemorráveis da década de 1920, com Paula Souza no Instituto de Higiene de São Paulo: são reiteradas as publicações e revisões técnicas da área (entre nós, desde GONÇALVES; GONÇALVES, 1977) que denunciam expedientes utilizados freqüentemente em tentativas infrutíferas de controlar doenças nas populações baseando-se em princípios e pressupostos funcionalistas de conhecimentos, atitudes e práticas a serem identificados e mantidos pelos técnicos da área. Já se revela, contrariamente, bastante maduro o entendimento que se construiu acerca da militância, integridade e presenças profissionais como realidades que legitimam, inspiram e consolidam a confiança e lealdade das pessoas em suas referências técnicas relativas ao corpo, à saúde e à doença.

Deste modo se é remetido à complexa, porém realíssima questão da dimensão ideológica da *Saúde enquanto bem público* (ou, nos termos das Conferências Nacionais de Saúde e da Constituição de 1988, direito do cidadão e responsabilidade de Estado), e a inserção da E.F. em seu interior, perspectiva que, via de regra, acaba sendo vista, se não for continuamente exercitada vigilância técnica, pela óptica do senso comum e não da conquista política, fato em que também o sanitarista detém ampla maturidade a permitir-lhe situar a A. F. em dimensões coletivas.

Destarte, não se trata apenas, de decidir-se pessoalmente pelo consumo de determinadas práticas, mas de lutar e assegurar que as possibilidades de A.F. possam chegar aos diferentes estratos da sociedade. Nesse vórtice, convergem *questões tão diferenciadas e complementares*, como a sujeição de crianças à competitividade desportiva, e esta como recurso de ascensão social, por um lado, até outras tão amplas e subjacentes, como a construção do calendário trabalho-reposo, a ética do incentivo a ginásticas compensatórias durante o processo produtivo, ou mesmo decorrências corporais do neoliberalismo e da globalização, como estudado com um de nossos doutorandos, no que se refere aos aspectos da comunicação desportiva (PIRES, 1997). Em tal perspectiva, se reforça o entendimento de que o culto ao corpo (corpolatria), observado em escala internacional,

muito mais do que qualquer conscientização quanto a possíveis benefícios advindos da prática de A.F., resulta, sim, de bem-sucedida estratégia de *marketing* do mercado global através da indústria de comunicação de massa, que investe (e lucra *muito* com isso!) na produção/fixação de novos valores para a cultura mundializada, como o narcisismo, o hedonismo e o consumismo.

Exemplos disto podem ser percebidos em algumas posturas recolhidas *da observação do cotidiano*, como o uso indiscriminado de esteróides anabólicos, que prometem aumento da massa muscular (e lesões hepáticas irreversíveis) ou a verdadeira "corrida para a saúde", nem tão saudável assim, como já se pode demonstrar, seja pelo aumento das lesões articulares (GONÇALVES, 1997), seja pelas condições ambientais desfavoráveis de sua prática (MATIELLO JR.; GONÇALVES, 1997).

WHAT PUBLIC HEALTH IN PHYSICAL EDUCATION FOR? REFLECTIONS OF A PROFESSIONAL INVOLVED IN THE AREA FOR TWENTY YEARS

ABSTRACT

Based on a global observation of the current evolution of identity and the characteristics of the Physical Education area as well, a reflection on the maintenance of the Public Health was carried out. Therefore, the question is: 'what are the pragmatic necessities of specialists in public sanitation and health to work in Physical Education?' Eventual answers are raised, by using some PhD projects developed by members of Unicamp Public Health/Epidemiology & Physical Activity Group, as elements of applications. The first contribution is identified in the possible use of epidemiological paradigm to produce knowledge by using resources and techniques of epidemiological action and thought. Limitations and benefits of Physical Activity on Health are also considered, besides managing with the specificities of Health Education. At last, Health conception as a public right is emphasized.

Key words: public health. Physical activity. Epidemiology.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO JR, Bráulio. **Conteúdos e procedimentos em saúde e urgência em educação física e esportes**: estudo de aplicação em quatro instituições de ensino superior do Estado de São Paulo. 1997. f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, Unicamp, Local, 1997.

GHIROTTI, Flavia Maria Serra; VIEIRA, Paulo César Trindade; AIRES, Susana Gygo; GONÇALVES, Aguinaldo. Aspectos epidemiológicos e preventivos das lesões desportivas no voleibol. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 6., Brasília, 1989. **Rev. Bras. Cienc. Esp.**, Local, v. 10, n. 1, p. 27, 1989.

GONÇALVES, Aguinaldo (Org.). **Saúde coletiva e urgência em educação física e esportes**. Campinas: Papirus, 1997.

GONÇALVES, Aguinaldo; GONÇALVES, Neusa Nunes da Silva. Coordenadas básicas da aplicação de educação em saúde à implantação do sub-programa de dermatologia

sanitária em unidade local. **Hansenol Intern.**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 159-163, 1977.

MATIELLO JR., Edgard; GONÇALVES, Aguinaldo. Saúde coletiva e aptidão física: estudo exploratório de conscritos de região do interior de São Paulo. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 44., São Paulo, 1992. **Anais 500 anos: memória e diversidade**. São Paulo: SBPC, 1992. p. 182.

_____. A corrida para a saúde: poluição ambiental no coração do problema. **Rev. Bras. Cienc. Esp.**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p.111-118, 1997.

MILANEZI, Jorgeta Zogheib; NASCIMENTO JR, Antonio Fernandes; GONÇALVES, Aguinaldo. Expectativa de espaço/lazer dos moradores do Bairro Jardim Bela Vista, como subsídios para um programa de atividades físicas no município de Bauru, SP. **Rev. Bras. Cienc. Esp.**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 92-97, 1997.

MONTEIRO, Henrique Luis; GONÇALVES, Aguinaldo; PADOVANI, Carlos Roberto; OPROMOLLA, Diltor Vladimir. Epidemiologia em hanseniose no Instituto "Lauro de Sousa Lima": a ocupação profissional na

estrutura de determinação das incapacidades físicas. In: JORNADA CIENTÍFICA ADUNESP, 19., 1995. **Anais...** Botucatu: Adunesp, 1995. p. 23.

PIRES, Giovani De Lorenzi. Globalização, cultura esportiva e educação física: primeiras aproximações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10., 1997. **Anais...** Goiânia: CBCE, 1997. v. 1, p. 559-567.

SOUZA E SILVA, Rossana Valéria. **Pesquisa em educação física: determinações históricas e implicações**

epistemológicas. 1997. f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação, Unicamp, Local, 1997.? **Jornal da Ciência**, p. 6-7, 23 de fevereiro de 2001.

Recebido em 28/07/04

Revisado em 31/08/04

Aceito em 7/10/04

Endereço para correspondência: Aguinaldo Gonçalves. Rua Luverci Pereira de Sousa, 1151, Cidade Universitária, CEP 13083-730, Campinas-SP. E-mail: aguinaldogon@uol.com.br